



# Mídias

e Mediações Culturais

Raimunda Benedita Cristina Caldas  
José Guilherme dos Santos Fernandes  
Fernando Alves da Silva Júnior  
Larissa Fontinele de Alencar

[ orgs.]

**Pipa Comunicação**

Recife, 2014

# RECONHECIMENTO, PRAZER E ESTRANHAMENTO

NA ARTE POÉTICA DE RODRIGO BARATA

Joel Cardoso (UFPA/ICA)

## Preliminares: da poesia

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. (...) Isola, une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. (...) Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos.

Octavio Paz<sup>1</sup>

Na abertura de *O Arco e a Lira*, Octavio Paz, discorre pormenorizada e belissimamente e sobre o que é a poesia. Tudo pode ser (e não pode ser) poesia. Sendo esclarecimento e reflexão, o livro é um cântico de amor à poesia, à arte de fazer versos, de poetar. Aborda, ainda, diversos outros tópicos: a linguagem, o ritmo, o verso e a prosa (o romance), a imagem, as margens do texto poético, a revelação poética, a inspiração e muito mais.

Num mundo carente de beleza, de busca de sentido, de ressignificação para tudo o que nos envolve e nos rodeia, num mundo marcado pela violência e pela insegurança, em que o instável e o efêmero dão o tom maior à vida, a poesia pede passagem, busca novos lugares para ser e estar. Nunca fomos tão carentes de autenticidade como agora. Nesta era de insensibilidades, tudo se banaliza, se vulgariza vertiginosamente. A poesia busca um lugar em meio às novas tecnologias, um lugar em que a autenticidade se faça notar ante o excesso de imagens que nos anestesia. No nosso mundo contemporâneo, indelevelmente demar-

---

1. PAZ, O. 1982: 15.

cado por uma ilusão de progresso, já não conseguimos acompanhar as mudanças em qualquer das áreas de atuação humana. As palavras, inexpressivas, inócuas, se perdem na balbúrdia de sons e ruídos; os discursos, caóticos, cheios de intencionalidades ocultas, empobreceram. “O mundo como imagem desaparece e em seu lugar se levantam as realidades da técnica, frágeis apesar de sua solidez já que estão condenadas a ser negadas por novas realidades”, afirma Octavio Paz.

Devolvendo-nos àquilo que de mais humano há em nós, redefinindo conceitos, transgredindo regras, revitalizando a linguagem, ampliando horizontes semânticos e sintáticos, interferindo no racional e no sensorial, a poesia – potencialização máxima da palavra como expressão artística humana – se faz mais que necessária. Na poesia, reconciliados, os opostos convivem pacificamente, como, aliás, convém à verdade. Com a poesia, instaurando nexos, libertamo-nos da lógica opressora, de tudo aquilo que, por ser convencional, rotineiro, acaba por nos sufocar e atordoar. Poesia é revelação, é chamamento à vida, à condição humana. E, como disse alguém, porque a vida somente não basta, o homem se realiza na Arte, no discurso, na concatenação de imagens. Imagens e discursos que, ainda que minimamente, o representem.

A poesia se viabiliza quando saímos do convencional; quando a palavra, liberta do ranço do cotidiano, da cristalização redutora, se alça magicamente, alcançando novos patamares, desabrochando em novos sentidos, se abrindo para significações e realizações inusitadas. Estamos diante da poesia, quando, paradoxalmente, num processo de estranhamento, ao mesmo tempo, nos reconhecemos, nos identificamos, nos achamos. É como se nós nos mirássemos num espelho e, ao nos determos ante a nossa imagem refletida, ao fim, nos perguntássemos: “como não notei isso antes?, então este estranho sou eu?” Eis-nos, pois, ante um processo dúbio: reconhecimento através do estranhamento.

As coisas mais banais, recriadas pela magia do poema, nos encantam, nos emocionam, nos sensibilizam, como se, só agora, através do olhar do texto poético, as tivéssemos vendo pela primeira vez. Elos entre o exterior e a nossa interioridade, os poemas, as imagens poéticas são uma descoberta, ou melhor, uma redescoberta, uma viagem essencial. As coisas, o mundo, os seres continuarão a

ser aquilo que são, mas, indubitavelmente, no poema, tudo extrapola, tudo – metonímica e metaforicamente – adquire uma nova e singular dimensão.

## Do Haikai

Sempre achei que as minhas palavras teriam  
que atingir o grau de brinquedo para que fossem sérias.

***Manoel de Barros***

### **haikai quase**

os mesmos poemas  
são outros versos de onde  
vida quase quando

***Rodrigo Barata***

O haikai é uma modalidade de poema, cuja origem se vincula ao Japão, país que estruturou, consolidou e popularizou esta modalidade de texto poético que se caracteriza pela brevidade. Poema de forma fechada e fixa, o haikai é, como o conhecemos hoje, composto por dezessete sílabas poéticas, divididas em três versos com, respectivamente, cinco, sete e cinco sílabas poéticas: dois pentassílabos entrecortados por uma redondilha maior. No Japão, os haicais, exprimindo sentimentos ligados sobretudo à natureza, são dispostos em apenas uma linha vertical. Nos primórdios do gênero, popularizou-se principalmente entre aristocratas e cortesãos, como jogo verbal, como brincadeira, como exercício de linguagem, que, marcado por sua exiguidade, privilegia apenas o essencial. Um dos autores mais famosos de haicais, no Japão, foi Matsuô Bashô, que tendo vivido entre 1644 e 1694, fez da sua criação poética uma prática não só artística, mas, sobretudo, uma prática de elevação espiritual.

Trasposto para o nosso país, Goga Masuda (1911-2008), Nempuku Sato (1898-1979) foram, entre outros, nomes significativos para a divulgação do haikai em território nacional, principalmente, de início, entre os imigrantes japoneses.

Quanto ao conteúdo, os haicais se diversificaram e versam, de forma sucinta, sobre aspectos da natureza, reflexões sobre o homem e a condição humana, descrições de momentos. Ao se espalharem pelo mundo, o haikai se diversifica, tanto

formal quanto conteudisticamente. No Brasil, como sabemos, a modalidade de texto poético mais popular é a trova (ao lado da literatura de cordel); no Japão, o haikai. Gênero detentor de uma grande diversidade temática, com certeza, tudo, na modernidade, pode se tornar motivo para um haikai. No entanto, nem sempre foi assim. De início, atinham-se às mudanças da natureza, aos ciclos de vida, às percepções de caráter poético-filosófico.

Os haicais, originalmente, prescindem da rima. Não prescindem, entretanto, do ritmo, da sonoridade. Poesia, como sabemos, é a arte que, por sua sonoridade, pelo seu ritmo, mais se aproxima da música. No Brasil, Guilherme de Almeida, poeta paulistano da primeira metade do século XX, adotando o haikai como uma das formas de sua expressão poética, reformatou o gênero: com ele, o primeiro e o terceiro versos rimam e o segundo verso, de sete sílabas, apresenta uma rima interna. Não deixa de ser um virtuosismo formal. Dificulta sobremaneira a sua elaboração dentro da exiguidade a que se propõe. Vejamos, para ilustrar, entre tantos exemplos, três haicais de Guilherme de Almeida:

**Consolo**

A noite chorou  
a bolha em que, sobre a folha,  
o sol despertou.

**Os andaimes**

Na gaiola cheia  
(pedreiros e carpinteiros)  
o dia gorjeia.

**Quiriri**

Calor. Nos tapetes  
tranquilos da noite, os grilos  
fincam alfinetes.

Talvez mais comum, uma outra tendência do haikai, no Brasil, promove esta forma poética, elaborando-a sem rimas, mas conservando a métrica original. Optar por se expressar através de haicais, texto poético radicalmente sucinto e formatado, é se submeter voluntariamente aos ditames de uma modalidade textual pré-concebida. Compor haicais é se entregar à ludicidade não só da lingua-

gem, mas, sobretudo, se submeter às regras de um jogo, jogo em que a linguagem, em geral, se amolda à exiguidade do formato proposto. Há quem valorize mais o conteúdo, propondo, de forma sucinta, apenas uma sugestão, uma reflexão ou exposição completa. Outros se atêm mais à forma, privilegiando sonoridades, ritmos, cadências, virtuosismos estilísticos.

Exigindo um domínio vocabular, rítmico e formal, alguns haicais, mais livremente propostos, não apresentam rimas.

À beira da estrada  
O casal tirando fotos  
Do arrozal de outono

**Antonio Seixas**

Alguns poetas modernos, de forma mais solta e mais livre, transgridem deliberadamente o formato caracterizador do haikai. É bom que se ressalte que embora tais produções mereçam respeito, não há como não expressar estranhamento e desconforto em relação a elas. Soneto é soneto. É um poema com formato pré-definido. Com o haikai ocorre o mesmo. Citamos, a título de ilustração:

viver é super difícil  
o mais fundo  
está na superfície

**Paulo Leminski**

Ou, ainda, este outro:

Nos dias quotidianos  
É que passam  
Os anos

**Millôr Fernandes**

Vejamos, ainda, em *Sapato Florido*, um exemplo de haikai do grande Mário Quintana, poeta do cotidiano, poeta da simplicidade e da complexidade, enfim, um poeta genial, um poeta maior.

### **Haicai da cozinheira**

A cozinheira preta preta  
Preta e gorda  
Com seu fresco sorriso de luz...

Inegável que os textos apresentam qualidade poética. São indubitavelmente criativos. São belos, sucintos. Fogem, no entanto, à forma que identifica e caracteriza os haicais. Não se encaixam completa e adequadamente no gênero em que se pretendem inserir.

### Do autor

Haikai não é síntese, no sentido de dizer o máximo com o mínimo de palavras. É antes a arte de, com o mínimo, obter o suficiente.

**Paulo Franchetti**

Rodrigo Maroja Barata, natural de Belém do Pará, desde cedo teve um convívio muito próximo com a palavra. Formado em Letras, com mestrado em Artes e doutorado em andamento em Antropologia, ministrou (e ainda ministra), aulas de Língua Portuguesa e Literaturas, durante anos, em colégios da capital paraense. Apaixonado pelas artes, sobretudo pelo cinema e pelo teatro, é uma pessoa inquieta e extremamente perspicaz. Ousado, transita com facilidade por temas polêmicos (erotismo, pornografia, sexualidade, homossexualidade etc).

Resultado de seu namoro com a palavra, em 1993, publica *P = V x T*, obra ilustrada por Sylvia Lassance, dedicado ao público infanto-juvenil. Escrever para jovens tem sido uma das formas de expressão mais frequentes na trajetória do autor. Em sua obra, palavra e imagem estão sempre em diálogo. Em 2004, publica *Dermes e vícios*, um libreto de criativos e irreverentes sonetos. As ilustrações, desta feita, são assinadas por Renato Pantoja. Seguem-se *E coisa tem nome?*, de 2009, um libreto de poemas e *Anatomia maluca*, de 2010. Ambos com ilustrações de João Augusto Rodrigues.

## Do livro

As palavras são o fio condutor  
onde amarramos nossas experiências.

**Aldous Huxley**

**haikai acorde 191**

acordei assim  
todo sujo de saudade  
com cárdio partido

**Rodrigo Barata**

Talvez num excesso de rigor ou de conservadorismo, há quem queira impor ao haikai temas, receitas prévias e fórmulas prescritivas, deliberando o que deve ou não, quer como tema, quer como forma, ser eleito como pontos essenciais para a elaboração desta forma poética. O exercício poético é, por vezes, o primado da transgressão. Assim tem sido, desde sempre, a trajetória da Arte. Sem jamais eliminar o anterior, um paradigma reina soberano até o advento de um outro que o conteste, reivindique e instaure novos espaços e posturas para a sua expressão.

Ainda que se respeite a pertinência das colocações, a trajetória de pesquisa feita em torno do gênero, talvez demasiadamente exigente, o professor Paulo Franchetti, da UNICAMP, pondera:

Quanto a mim, nem sempre reconheço, num terceto, rimado ou não, espirituoso ou plano, que se apresente como haikai, o direito de usar o nome. Sinto que estou perante um texto de haikai apenas quando reconheço nesse texto uma dada disposição de espírito, uma atitude frente ao mundo e à linguagem que conota uma estratégia específica de composição e de recepção do poema.” (...) “E a novidade que o haikai oferece a um ocidental, de meu ponto de vista, é o fato de ele ter por objetivo não a beleza da imagem ou da combinação dos sons, mas o registro ou o despertar de uma percepção muito ampla ou intensa nascida de uma sensação. Esse me parece o núcleo da forma do haikai.

Um terceto qualquer, obviamente, nem sempre é um haikai. Há, para a caracterização do haikai, o ajuste a certas regras caracterizadoras. *A priori*, a cria-



ção poética, contrariando tradições e superando paradigmas acadêmicos, não se sujeita a receitas preliminares. O percurso do haicai em nosso país, ignorando a tradição, contrariando as origens, subvertendo prescrições e receitas, tem demonstrado que tudo pode caber nessa modalidade poética. A preservação do gênero deve, talvez, ser mantida sem que se imponham se restrinjam os temas ou se estabeleçam fórmulas ou receitas para a sua elaboração e permanência no panorama poético nacional. Não deve ser nada que cerceie a criatividade, a imaginação, o voo poético. No formato, sem grandes descaracterizações, os voos mais libertários são, indubitavelmente, bem vindos, as ousadias transgressoras podem ocorrer salutar e inovadoramente.

Senhor do verbo, do inusitado, da imprevisibilidade, Rodrigo Barata, em *Cinco Estações*, mostra-se um poeta requintado, e, embora ainda muito jovem, já está estética e estilisticamente maduro. Poeta por excelência, está pronto, com trajetória estética própria e bem delineada. Tem pleno domínio de sua arte. Como convém a quem se deixa aprisionar pelo fascínio do haicai, uma modalidade poética fascinante, mas, sem dúvida, também cheia de armadilhas. Ao brincar livremente com as palavras, o poeta tira delas o ranço pernicioso do cotidiano para, em voos libertários da imaginação, dando voz à perplexidade, questionando por vezes o inquestionável, lançá-las em novos contextos sintáticos e semânticos, inventando – e, também, desinventando – a vida, a realidade, a percepção do mundo.

Muitos são, no livro, os voos empreendidos. Para o autor, no seu fazer poético, criativamente, a saudade, na trilha das nossas carências, preenche lacunas, pairando sobre (e sob) nuvens de desejos fugidios. O libreto apresenta cinco momentos, cinco estações, cinco paradas, cinco pontos de chegada (ou seriam de partida?). Cinco que, de repente, para a nossa surpresa, se transformam, na realidade, em seis instâncias poéticas que, embora distintas, se complementam...

Brincando com a linguagem do poeta, estamos ante os anseios atemporais (banidos, bandidos?) da primeira estação, que, sem que o percebamos, quase de imediato, mantendo a alta voltagem de te(n)são, no mesmo teor, assim meio que de viés, nos remete sempre às próximas estações, para, no prosseguir da viagem, aportarmos nos quases do caminho, na (ir)realização do prazer, nos quandos e

nos porquês de outrora (que também são de agora). E aí, com o poeta, também nos perguntamos: dos deuses e adeuses, do desatar dos nós desses tempos glaciais, o que, afinal, terá restado? Talvez ânsias, interstícios, ofertas (nem sempre generosas) de nós mesmos e, também, ofertas do outro... um moroso ca(p)tar de versos... Seriam, por acaso, plenilúnios para ti?... Na sina de infringir rumos (sina de quem trabalha com a palavra), na lentidão dos adágios (quebrando a pressa insensível do ritmo do presente), no parêntese dos abraços (tão necessários quanto raros nos nossos dias), nos frágeis amores de vidro (sempre na iminência da quebra, da ruptura) nas ciladas do cedo demais (constatação por vezes inevitável), ou do tarde menos, somos, vida afora, desencontros, desejos, perdas, transgressões, ganhos, fugazes segundos na apreensão de eternidades.

Como preconiza poeticamente Manoel de Barros, “o sentido normal das palavras não faz bem ao poema. / Há que se dar um gosto incasto aos termos”. Há que se fugir à mesmice, “mudar de habitat”, e, quebrando formalidades, ousar sempre, percorrendo os “interstícios / de ânsias, adeuses”. *Cinco Estações é Poesia* com letra maiúscula, poesia para iniciados. No tecido intertextual que se instaura, no palimpsesto estrutural dos poemas, percebemos que há, no diálogo lúdico - lúcido? - que emerge, para deleite do leitor, a (co)presença de outros textos, outros contextos. Uma das muitas possibilidades do fazer poético é a capacidade de re-significar coisas e fatos banais. Vemos, através da poesia, as coisas, os pensamentos, os dizeres, os fatos como se os víssemos pela vez primeira. As ideias, libertas da prisão do racional, fluem soberanas, descortinando amiúde possibilidades impensadas. Criando termos, subvertendo outros, nos versos, “sujos de saudades”, narcisicamente, nós nos miramos nos espelhos de uma (quase) vida. E assim, na precariedade do dizer, o existir, de repente, resvala para o que não existe. O plausível se (tra)veste de implausibilidades. “Verdades feitas de mentiras sonhadas. E, “de repente, não mais que de repente”, um universo de letras, de poesia, de música, de imagens, de puro deleite e magia se presentifica, (i)materializando-se na musicalidade dos versos.

Extrapolando os motivos regionais (indubitavelmente importantes), os poemas fluem gostosamente, sem açai, sem tacacá, sem botos, matintas e derivados. Nem por isso o artista deixa de ser um autêntico representante das letras da Ama-

zônia. Rodrigo Barata, no entanto, não se restringe a esse contexto: passeia por inquietações universais. No universal, reconhecemos, nele, aqui e ali, matizes do regional.

**haikai quase oriental**

aqui dentro anseio  
nos tempos de primavera,  
aqueles de inverno

**Rodrigo Barata**

Estamos num lugar e ansiamos por outro. A felicidade consiste, quase sempre, numa busca interminável. Como na “vida quase quando” (metahaikai). Sempre num limiar impreciso. O poema nos remete aos versos de “Velho Tema”, de Vicente de Carvalho:

Essa felicidade que supomos,  
Árvore milagrosa que sonhamos  
Toda arreada de dourados pomos,  
Existe, sim: mas nós não a alcançamos  
Porque está sempre apenas onde a pomos  
E nunca a pomos onde nós estamos.

Num tempo carente de poesia como o nosso, a arte irreverente, ousada e sofisticada de Rodrigo Barata é muito bem vinda. A poesia se faz cada vez mais necessária; num “jeito assim de viés” as palavras evocam imagens jamais imaginadas. As imagens, por sua vez, nos devolvem às palavras. Nós, como seres – seres do discurso –, só existimos potencialmente na incerteza desse eterno ir e vir que nos forma, nos conforma e, indubitavelmente, nos transforma. Esforçamo-nos – embora, por vezes, inutilmente – para fugir à aridez da realidade que nos abarca, tal como se “fossem realidades esmaecidas / na espessura da existência / em que somos mais que o tempo”<sup>2</sup>.

---

2. (versos do poeta de origem mineira, Wilbett Oliveira, radicalizado, agora, no Espírito Santo, in: *Minúsculos*, Vila Velha, Opção, 2013)

A diversidade temática é a tônica dominante de *Cinco Estações*. Verdadeiras pílulas poéticas. Abrindo espaço, singrando novos horizontes, os versos saem do marasmo (“lapido epitáfios / de burguês, plebeus e putas / - champagne, cheguei!”). Deparamo-nos com algumas deliciosas ousadias linguísticas (“tu vens com calmantes / te vais com ansiolíticos... / eu drinko solvente”).

Muitos poemas refletem preocupações existenciais (sempre instigante, indefinível, amor “é despenhadeiro”; ou, “... larguei-me de mim, enfim / pronde sou agora?”, ou, ainda, “amar é tão brusco / *de repente* não existe / que nem *tanto faz!*”).

Apostar na intertextualidade é confiar na capacidade percepção, de apreensão, de conhecimento prévio do leitor. Flertes com outras Artes, com outras linguagens, por vezes, aparecem: “**haicai piaf** // não, afã do afã, / não, eu não regresso ao afã / não, eu não regresso”. No título, a pista estabelecendo ponte intertextual. Quem conhece a canção “Non, Je ne regrette rien”, de Edith Piaf, imediatamente estabelece as conexões e os sentidos, sugestiva e intertextualmente, se instauram.

Os trocadilhos, ah!, os trocadilhos, brincam na economia formal dos haicais. Dentre os muitos exemplos, citamos: “lava-me or leave-me”. Traduzindo paradoxos, os trocadilhos se fazem presentes no contexto poético: “**haicai do juntos para sempre?** // por um tolo acaso, / nosso caso criou caso, / então descasou-se!”). Observemos que o título do poema é uma interrogação. A sonoridade, embalada pelo ritmo da métrica, confere expressividade e graça aos versos.

Há versos em que se presente o escoar irreversível do tempo (“jogo dardos com a saudade”, ou, “depois de xis anos (...) embaçada imagem”). O inesperado, o inusitado se fazem presentes (“**lier’s haicai** // chegou no natal / e se foi no plenilúnio / pleno de mentiras”). Alguns poemas jogam com a efemeridade da vida, dos sentimentos (“aprendo que viver só / é desatar (-) nós”, ou, “uma saudade gritada / escorre em sarjetas...”). Tudo é finito, o mundo, os seres, as coisas (“se o mundo acabar, tô nem aí, o amor finda / e... e... vira lenda).

Rebelar-se sempre, no bom sentido. Criar neologismos, não por os criar simplesmente, mas para, na necessidade expressiva do poema, revesti-los de sentido: “nosso edredon iceberga / as culpas de gelo”; ou, “em casa de espelhos / tua

lembrança infinita / labirinta amor”. Jogar com a linguagem pressupõe, desde os primórdios do haicai, humor (sempre presente), ludicidade (jogo constante): “**haicai constipadim** // a tarde laranja / derrama suco no amor tão resfriadim”. A presença da oralidade, à la Oswald de Andrade, é apenas um dos traços de Rodrigo Barata. Não se trata da oralidade pela oralidade, mas, mineiramente, lembrando Guimarães Rosa, de uma oralidade buscada, cultivada e deliberadamente recriada.

## Considerações finais

Chão humilde. Então  
Riscou-o a sombra de um voo.  
“Sou céu!”, disse o chão.

**Guilherme de Almeida**

O percurso até aqui empreendido se propunha tão somente fazer uma apresentação da obra de Rodrigo Barata. Trata-se de um percurso prazeroso, e, do ponto de vista literário, uma inquietante descoberta lúdica. As inquietações povoam, de forma significativa, a nossa interioridade. Como já afirmamos, somos essencialmente seres do discurso. Persiste, no entanto, na contemporaneidade, um descaso generalizado com a palavra, com o discurso, com o fazer poético.

Quebrando paradigmas, fazer poesia é tirar o discurso da sua normalidade, arejá-lo, ampliá-lo. Quem trabalha poeticamente com a palavra tem obrigação, de um lado, de cultuá-la, mas, de outro, também, de violentá-la, de lançá-la e novos contextos. A palavra racionalmente a serviço da subjetividade (ou seria o contrário?). Ante a complexidade e a falta de critérios estéticos dos tempos atuais, o fazer poético, não raro, lamentavelmente, tem perdido o seu rumo e resvalado para uma prática pretenciosa e estéril, descompromissada esteticamente, violentada em seus objetivos. Como preconizava Mário de Andrade, “a Poesia (...) transfunde as noções mais conscientes pra um plano vago, mais geral, mais complexamente humano” (ANDRADE 2002, p. 52). Isso foi dito em 1931. De lá para cá, muito já foi feito. Muita água rolou sob e sobre os cascalhos da aridez poética. Evoluímos esteticamente, é inegável. Ganhamos maturidade. No entanto, con-

tinuamos, em alguns pontos, paralisados e estagnados, como que estacionados na estaca zero. Ainda há os que pretendem que qualquer mensagem, codificada em versos descompromissados, ostente a pretensão de se querer poesia. É preciso saber – no campo da produção artística, de uma forma geral - separar o joio do trigo. Há um descaso generalizado em relação à forma, ao estilo. A elaboração de qualquer gênero, de uma forma geral, e, aqui, especificamente, do haicai, não deve se restringir apenas às dificuldades da arquitetura formal, tampouco ao virtuosismo do artista, mas levar em consideração, quanto ao seu conteúdo, a originalidade da expressão, a sensibilidade lírico-poética na transmissão das ideias, a capacidade de traduzir impressões momentâneas sensivelmente captadas. Como dizia o poeta russo Maiakovski, não existe conteúdo revolucionário se não houver também uma forma revolucionária. Forma e conteúdo estão intrinsecamente ligados. Nem tudo é artístico, nem tudo é literário, nem tudo é poesia. Expectantes, efêmeros, fugidios, mágicos, os instantes de lirismo surgem intempestiva e inesperadamente. E como vêm, também, se vão. Captá-los, aprisioná-los no verso, na efemeridade do momento crucial, mais que uma questão de talento, é uma questão de sorte! Como nos adverte liricamente Mario Quintana, “Cuidado! A nossa própria alma apanha-nos em flagrante nos espelhos que olhamos sem querer. Somos seres contraditórios. Especularmente, os outros refletem, na realidade, a nossa imagem. Imagens que queremos, de algum modo, ver. Imagens que os outros projetam de nós mesmos e que, por vezes, nos contrariam, nos questionam, nos denunciam. Das imagens às palavras é apenas um triz, um lapso de tempo, um irreprimível ir e vir. E as palavras emolduram as imagens. “É preciso – segundo, ainda, Mário de Andrade - atingir o lirismo absoluto, em que todas as leis técnicas e intelectuais só apareçam pelas próprias razões da libertação, e nunca como normas preestabelecidas” (ANDRADE 2002, p. 52).

Num mundo de imagens, o homem, revelando-se e velando-se, procurando traduzir-se através da precariedade das palavras, reflete para os demais a imagem que criou de si mesmo. Voltamos a Octavio Paz para fechar o texto. Para ele, o poema representa, “o ponto de encontro entre a poesia e o homem”. Poesia, aqui, como sinônimo de beleza, de valor estético, de sublimação, de busca ideal de todo fazer artístico. É o que também pensamos.

## Referências

- ANDRADE: Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. 6ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- BARATA, Rodrigo. **P = V x T**. Ilustrações de Sylvia Lassance. Belém: CEJUP, 1993.
- BARATA, Rodrigo. **Dermes e vícios**. Ilustrações de Renato Pantoja. Belém: do autor, 2004.
- BARATA, Rodrigo. **E coisa tem nome?** Ilustrações de João Augusto Rodrigues. Belém: Amazônia, 2009.
- BARATA, Rodrigo. **Anatomia maluca**. Ilustrações de João Augusto Rodrigues. Belém: Amazônia, 2010.
- BASHÔ. **Trilha estreita ao confim**. Trad. Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- FRANCO, João José de Melo. **Pequeno dicionário de termos literários**. São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.
- FRANCHETTI, Paulo (Org.). **Haikai; antologia e história**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. De Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.